

João Pessoa - Número Dois - Novembro de 2000

Comunicação e antropologia visual ^[1]

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY

*Professor do Departamento de Ciências Sociais
e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Coordenador do GREI - Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Imagem
Coordenador do GREM - Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção
CCHLA - UFPb*

Eu parto do princípio de que a Antropologia busca compreender todos os tipos de comunicação. As verbais e as não verbais, as imagéticas e as não imagéticas, as concretas e as simbólicas. A comunicação, assim, é para mim uma parte integrante do corpo compreensivo da disciplina Antropologia.

No caso da Antropologia Visual, objeto desta Mesa, e a sua relação com as formas comunicativas, eu vou procurar analisar uma forma específica desta relação, que se refere aos processos sociais constitutivos de uma estrutura de sensibilidade ou sistema de emoções específicos da sociabilidade ocidental, da qual o Brasil faz parte pelo legado da colonização, tendo a fotografia como o elemento objetificado da análise.

Não interessará, aqui, neste sentido, os aparatos técnicos possibilitadores da fotografia, em si, a não ser quando os mesmos interferirem direta ou indiretamente na configuração formativa de um dado valor cultural, e no ambiente fragmentado da tecedura de uma rede emocional individual e socialmente dada. A fotografia interessará para a análise aqui em desenvolvimento, apenas quando reportada a sua condição de produto e de produtora de significados, estéticos ou morais, que remetam a uma possível percepção de uma estrutura social e de sua rede organizativa de possíveis individualizações.

O uso do aparato técnico que torna possível a fotografia, a partir do século XIX, ou seja, desde o seu aparecimento no mundo ocidental, como uma espécie de comunicação simbólica que possibilita às partes em interação a promoverem uma série de trocas sociais, apenas veio a consolidar uma tendência já presente na sociabilidade de então do estabelecimento do presente como objetificação do mundo. Mundo, este, interpretado como natureza e entendido como possível de apreendê-lo em si, como coisa.

A coisificação do mundo, entende toda a experiência vivida pelo homem como natureza a ser desbravada pelo conhecimento sensível e objetivo humano. Desde então, a busca pela explicação da natureza, como compreensão do mundo através da experiência, torna-se a medida singular que caracterizará o surgimento e a formação do novo indivíduo na sociabilidade burguesa emergente, e da nova sensibilidade que caracterizará o seu processo formador.

A natureza como coisa a ser captada pela e através da experiência é buscada não só nas coisas do mundo, externas ao corpo que a experimenta, mas também como internas ao sujeito da experimentação. O mundo sensível é objetificado como mundo da experiência, e as formas da sensibilidade manifestar-se possível de ser captada e explicada através da experimentação. O mundo de fora e o mundo interno humano se misturam como natureza e como experimentação objetiva capaz de explicação por si. O desenvolvimento do indivíduo enquanto ator social central

no palco das trocas societárias da sociabilidade em consolidação se, de um lado, ampliou o espaço da consciência individual na configuração de uma sociabilidade concreta, por outro lado, se fez calando o indivíduo e o trancando em si próprio. O tornando silêncio e objeto de observação.

O mundo simbólico das trocas até então socialmente realizadas, tornou-se um mundo objetificado e passível de ser captado enquanto experiência, e explicado e configurado em códigos específicos através da ação voluntária ou involuntária dos sujeitos da troca. No momento em que a sociabilidade ampliou a esfera da participação dos indivíduos independentemente dos grupos que o definiam, dando uma margem considerável de realização individual do sujeito nas trocas societárias, esta individualização conquistada foi se fazendo através do isolamento do indivíduo como silêncio.

As formas de manifestação voluntária e involuntária como passíveis de apreensão, explicação e classificação, deste modo, ao se colocaram como fundamentos da própria arte de representação social dos sujeitos em cena, tiveram um sentido contrário no desenvolvimento do indivíduo, colocando-o cada vez mais recatado, mas mudo, menos passível de caracterização em um mundo público e, ao mesmo tempo, curioso do outro (indivíduo). Isto é, o indivíduo cada vez mais foi se aconchegando no espaço da intimidade, da vida privada, como um espaço não social e preche de significados do "eu" como algo distinto da sociedade e da troca impessoal e mercantil da nova sociabilidade burguesa.

O espaço da troca impessoal, do mercado, tornou-se assim um elemento de fetiche que, ao mesmo tempo que induzia a exclusão da intimidade do social, a fazia central para o desenvolvimento dos produtos no mercado de trocas impessoais. O "eu" genuíno era estimulado pelo mercado e por este mesmo mercado colocado como descartável pela competitividade crescente da fetichização do autêntico.

Este conflito entre indivíduo e sociedade caracterizaria as novas formas de sociabilidade na sociedade contemporânea onde a individualidade se tornava cada vez mais crescente e, ao mesmo tempo, inviolável no seu comportamento de multidão solitária. O passado e o presente cediam lugar ao futuro a ser alcançado. O indivíduo moderno desapegava-se das convenções do passado que o ligavam a uma tradição, e ligavam-se a uma corrida para o futuro onde o presente era apenas competição e consumo.

Ampliava-se assim as margens do recato e da solidão individual, ou seja, a dificuldade de relacionar-se em público pelo exclusivismo do "eu" mantido em segredo, ou pelo escancaramento deste mesmo "eu" como espetáculo em uma sociedade de "eus" genuínos. O segredo e o escancaramento como objetos nebulosos de uma sociabilidade impossível, a não ser na esfera íntima onde o não ser compreendido (pelo social) tornava-se a chave mestre junto a outra, a manipulação, possível ou real, numa sociabilidade de objetos mercantis.

Intimidade e publicidade fundaram um caldeirão em ebulição permanente onde as esferas possíveis das convenções tornaram-se uma espécie de **voyerismo**, ou seja, uma ansiedade crescente de observar o outro, de classificá-lo, de flagra-lo na intimidade, e como tal reclassificar-se como ser inteiro genuíno, isto é, diferente, ou semelhante, isto é, de atos próximos ao anônimo, desculpem a palavra, **brechado**. Visto como através da fechadura.

A exibição alheia torna-se um espetáculo em uma sociedade cada vez mais ávida por confissões pessoais e interessadas em assistir flagrantes da vida do outro, seja em prazer, seja em sofrimento, seja na lida diária, seja no fazer nada. Uma curiosidade pelo espetáculo incomum da intimidade, de descobrir de repente em

repetições banais algo de extraordinário, ou pelo menos algo que valha a pena, pelo seu exotismo, pela sua anormalidade, pela sua incoerência, pela sua violência, pela sua perfeição ou imperfeição, entre tantos outros apelos possíveis.

Esta busca permanente pelo segredo de uma intimidade e pela possibilidade de descoberta da intimidade alheia pelo ato escondido e passivo de um voyer, a meu ver, fundamenta as dificuldades de interação do homem moderno nas grandes cidades. De um lado, a ampliação da solidão, do outro lado, o outro tornado espetáculo privado de alguém (atrás da porta) ampliando a indiferença e banalização pelo outro real e sua vida virtual. A tirania do "eu" recluso e solitário parece dominar as relações societárias modernas em um mundo de imagens.

As dificuldades e as alternativas de viabilização destas formas de comunicação na modernidade é um dos acessos possíveis onde a antropologia visual pode e está buscando compreender. De volta a fotografia, o seu uso parece ser diferente hoje do do século XIX onde a conformação burguesa erigia-se em processos de individualização mas ainda estava, ou se encontrava, regida por uma série de convenções sociais que permitiam enxergar a pessoa no interior de uma dada estrutura, camada ou posição social.

No século XIX, o advento da fotografia cola-se a uma ideologia já hegemônica da individualização como configuração social, do rompimento com as tradições aristocráticas e ampliação das redes de igualdade onde qualquer um pode-se fazer por si mesmo, e da história como coleção de eventos que interessam construir. Porém, ainda, a sociabilidade do século passado vivia sujeita aos códigos das convenções, onde a necessidade de copiar e ser igual era requisito, de um lado, de se colocar em sociedade, e do outro, do silêncio imposto para não parecer um intruso no seio desta mesma sociedade.

Sujeita a ambigüidade de poder ser por si e, ao mesmo tempo, poder ser rejeitado se não estivesse no interior das convenções, do vestir, do agir gestual, do sorrir e do falar, entre outras convenções possíveis, a sociabilidade do século dezenove encontra na fotografia uma forma de guardar para a posteridade a aparência necessária. Possibilita a reprodução da aparência que se quer guardar para a posteridade, seja pela configuração de um tipo de vestuário ou de poses e gestos codificados e erigidos como exemplos de poses fotográficas, seja nos pequenos retoques necessários para um detalhe aqui e ali que faltava para um justo enquadramento de uma aparência qualquer em uma aparência qualificada que se quer ter e guardar.

Ao mesmo tempo que amplia as margens da intimidade, como uma performance do seu ser para si, fechando-se em silêncios pessoais e máscaras sociais. A intimidade fica assim como que restrita aos íntimos, cada vez mais restritos. A fotografia, por sua vez, preenche os espaços públicos de representação das aparências necessárias, e de sentidos ocultos os espaços íntimos. A subjetividade da leitura de uma fotografia é uma revelação para com aqueles que possuem os códigos da intimidade do que ela evoca como registro interior.

As duas leituras da fotografia, uma objetiva, das aparências, e a outra subjetiva, da intimidade da evocação, presentes no século XIX, vão ganhando novos processos de redefinição no caminhar do século XX. Uma antropologia visual que busque compreender os códigos interpretativos de uma sociabilidade contemporânea através da fotografia tem que se encontrar atenta a abrangência da intimidade no público presente hoje, e que bem retrata Richard Sennett em seu livro, **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. A psicologização inusitada do espaço público, enquanto espaço do "eu", que se faz pela deformação e fragmentação crescente do social e pela dilaceração do indivíduo exposto a si

mesmo como solidão e colocado para os outros como observação furtiva e permanente do seu agir íntimo.

A fotografia parece revelar este descompasso neste final do século XX. Nunca as imagens fotográficas estiveram tão preñhes de revelação do outro, nunca culturas, formas de agir, formas de ser, intimidades de corpo e de alma, foram tão reveladas pelo ato fotográfico, - com acesso ilimitado e a toda hora no espaço íntimo de um observador específico. Nunca, novas possibilidades societárias foram tão testadas como no hoje, onde o espaço da internet possibilita internautas de qualquer espaço, geração ou cultura se interrelacionarem e estarem presentes ao mesmo tempo em um mesmo lugar comemorativo ou de dor simbolizada virtualmente.

Há pouco tempo atrás uma colega me falava de ter participado de um velório virtual de uma amiga, também virtual, que nem o nome verdadeiro e o país de origem era efetivamente conhecido. Em sua casa, em seu computador, chegou uma mensagem do companheiro da amiga morta relatando o fato da morte e a necessidade de velar em público a sua dor pela morte da companheira e a companheira pelos seus amigos virtuais.

Solicitava de cada amigo virtual da companheira uma foto que foi posta ao redor do corpo morto da companheira e que segundo ele acompanhou no tempo real o espaço de tempo entre a morte da companheira e seu enterro. O que significa que, em tempo real alguém em dor expôs-se no mundo virtual ao trabalho de preparação do velório para outros tantos virtualmente amigos participarem do ato de despedida de sua companheira que se foi.

Minha colega chocada e ao mesmo tempo compadecida da situação encaminhou sua foto e nome (real ou fictício, não sei, mas o em uso nesta sala de bate papos virtual) e participou do velório desta amiga. Para ela, minha colega, desconhecida, pois nem sequer tinha certeza do nome próprio e nem conhecimento da própria doença dela até a sua morte. A revelação da morte se fez como exposição do alheio enquanto intimidade visível e concreta na sua virtualidade. Enquanto experiência que se viu sujeita a sair detrás da porta e a revelar-se também, mesmo que ficticiamente, pelos cognomes assumidos enquanto identidade na sala específica de conversação.

Parece ter operado neste processo um longo e árduo trabalho com os paradoxos do visível de que falou Merleau-Ponty no seu livro inacabado e publicado após a sua morte, intitulado **O visível e o invisível**. Trabalho que parece conservar uma profundidade que se encaminha para o outro lado da superfície, e vai descobrindo, com o auxílio da metáfora fotográfica enquanto revelação de si mesmo no outro, ou enquanto exposição de si mesmo a público, as diferentes camadas, as ausências e as lacunas de seu ser nesse espaço simbólico de um envolvimento virtual sem aparente envolvimento pessoal além de digitação de informações de qualquer nível por trás de sua máquina. Uma exposição em imagem que implica um concordar em se envolver, além de envolver a sensibilidade de quem está olhando. Que pode ser um qualquer, que naquele momento penetre querendo ou sem querer na sala onde se realiza o virtual velório.

O medo de ser descoberto, flagrado no ato pessoal de comparecimento virtual a um velório revela, como no processo fotográfico, os processos psicológico e social das personagens nele presente. O medo do ridículo, a estranha sensação de intromissão na vida da pessoa morta, e em sua vida pelo companheiro dela, parecem ter povoado a mente da minha colega, embora revelando-se e sentindo-se humana, em última instância, no ato desta revelação.

Eu fico por aqui. Acho que não resolvi nenhum problema, e nem um pensamento

sistemático da relação comunicação e antropologia visual propus, ficou mais em um discurso de perplexidade e do muito a se fazer, enquanto estudo e pesquisa, nesta disciplina que abraço e abraçamos.

Obrigado.

NOTA

1) Palestra apresentada na Mesa Redonda "Comunicação e Antropologia Visual", Museu de Antropologia, Porto Alegre, 15 de agosto de 2000.